

# São Paulo: A Cidade Dos Sonhos? A Cidade Do Cheiro? A Cidade Do Quê?

Wolfgang Theis,  
Universitat für kunstlerische und industrielle Gestaltung Linz  
[wolfgang.theis@ufg.ac.at](mailto:wolfgang.theis@ufg.ac.at)

**Resumo:** São Paulo, também conhecida como a Nova Iorque da America Latina, é um conglomerado de concreto, asfalto, trânsito, pessoas, com uma pitada de verde aqui e ali. São Paulo não pode ser reduzida a fatos sócio-demográficos ou estatisticos. Ela é o centro cultural do Brasil, terra das universidades de ponta no país e centro economico da America do Sul; a região metropolitana abriga mais de 20 milhões de habitantes. Este ensaio é uma tentativa de dar uma visão de São Paulo pelos olhos de um europeu.

1

## Natureza Violentada ou os Humanos Violentados? O Que É Uma Cidade?

O que é uma cidade? De acordo com Max Weber, uma cidade contem uma fortaleza, um mercado, uma corte de justiça, e tem um caráter coletivo e também autonomia política (cf. Weber, 1999). Esta é uma tipologia de uma cidade medieval assim, para ser considerada uma cidade, a localidade teria que obedecer a todos esses critérios. Hoje em dia, uma fortaleza não seria muito útil, e em muitas cidades não há mais fortalezas.

Uma cidade deixa de ser uma cidade se o número de seus habitantes passa de vários milhões? Definitivamente, um assentamento com esse ainda terá que ser considerado uma cidade.

O problema de se criar uma definição universal e válida de "cidade" continua sem solução. Para o governo chinês, por exemplo, uma cidade é um assentamento urbano com mais de 200.000 (duzentos mil) habitantes não-agrícolas (PRC, 2009, Hudong, 2009, ChinaCCM, 2009). Já no Brasil, não há diferenciação entre as definições de cidade. Utiliza-se o mesmo termo – "cidade" – para uma cidadezinha e para uma megalópole. Segundo os critérios do IBGE, as sedes de municipalidades são consideradas cidades, mesmo que estejamos falando de um assentamento semi-rural extremamente pequeno, no meio do nada, com somente algumas casas em torno de algum recurso comum. Se há uma câmara legislativa que garante a presença de Estado é uma cidade. (de Abreu, 2007).

Mas a questão fenomenológica permanece: O que é uma cidade? Vilem Flusser oferece a seguinte resposta: "Cidades são o estupro da natureza e é por isso que elas podem ser habitadas. Elas são a natureza vencida e eu vivo nelas como o vitorioso.

Essa é a origem das cidades do Brasil” (Flusser I, 1994). Flusser desenvolve essa visão partindo da colonização, que originou a maior parte das cidades brasileiras atuais. Muitas cidades brasileiras vêm de vários assentamentos coloniais, como São Paulo, por exemplo, que se desenvolveu de uma escola administrada por jesuítas até se tornar a megalópole de hoje. Os assentamentos coloniais geralmente tinham que lutar contra a natureza, que, por sua vez, sempre tentava se vingar. Na Europa, os habitantes são mais tolerantes quanto à natureza porque, segundo Flusser, os “lobos, anões e água suja raramente chegam às cidades, janelas ou tubulações das cidades européias”(Flusser I, 1994).

A partir dessa afirmação, de que as cidades são natureza violentada, surge a questão: onde viveriam os humanos se não em cidades? Nas cavernas, a natureza violentaria os humanos; assim, para os humanos foi, definitivamente, um enorme progresso eles terem se tornado capazes de se reunir, e criar de regras e regulamentos (também conhecidos como “leis”) para o convívio em grupo; fundaram agrupamentos para se defenderem dos bandos de nômades sem rumo à procura de ouro, escravos e glória, e também contra as ameaças da natureza, como bestas, inundações e outras catástrofes naturais. Para garantir a sobrevivência humana, a natureza teve de ser violentada, no sentido empregado por Flusser, e a batalha entre a mente e a natureza (cf. Flusser I, 1994) nunca termina.

Essa batalha eterna influenciou as características das cidades e o modo de pensar de seus habitantes. Como essa batalha foi travada em boa parte da Europa muitos séculos antes do que no Brasil, hoje os europeus mantêm uma atitude diferente em relação à natureza. Eles admitem que a natureza volte a entrar nas suas cidades (Flusser I, 1994), enquanto os brasileiros sempre parecem tentar manter a natureza afastada de suas cidades e assentamentos urbanos, especialmente em São Paulo, onde os poucos focos verdes estão engaiolados por cercas e os parques são lugares de recreação e desporto. Não estou dizendo que um parque não deveria ser um local de recreação, mas em São Paulo, esses pontos recreacionais são usados tão extensivamente que há quem pense que esses pontos nunca mais poderão se recuperar da tal ‘recreação’.

Os rios em São Paulo são altamente poluídos, para não dizer “envenenados”, ou então estão escondidos de tal maneira que é completamente impossível vê-los. Onde está o Rio Anhangabaú? Ele se transformou em um rio de carros e ônibus. Onde está o famoso Ipiranga, que deu o nome a um bairro inteiro e em cujas margens o Brasil declarou sua independência de Portugal? Foi canalizado; se ninguém avisa que aquele canal que divide a rua é o famoso Ipiranga, ele nunca seria reconhecido. Ao mesmo tempo, as águas de rios de diversos lugares remotos são armazenadas em jarros no patamar das escadarias no Museu do Ipiranga. Paulistas parecem ter uma relação muito ambivalente com a natureza e seus recursos. Em São Paulo, a Natureza é violentada.

## A Cidade Dos Sonhos

Qual é o caráter de uma cidade? Por que uma cidade atrai tantas pessoas? Por que os habitantes das megalópoles permanecem nelas, apesar de todas as dificuldades? Estas são questões essenciais que também caracterizam São Paulo.

São Paulo, com seus quase 20 (vinte) milhões de habitantes (incluindo as cidades que a cercam e que formam o chamado ABC – a “Grande São Paulo”) não é exatamente um lugar pequeno. A cidade ocupa uma área de 2.209 km<sup>2</sup> (dois mil duzentos e nove quilômetros quadrados), e é quase tão grande quanto o estado austríaco de Vorarlberg (2.601 km<sup>2</sup>), que tem dois mil, seiscentos e um quilômetros quadrados; a região metropolitana ocupa 8.051 km<sup>2</sup> (oito mil e cinqüenta e um quilômetros quadrados) (EMPLASA,2009), e é maior que o estado de Salzburg (7.154 km<sup>2</sup>) (sete mil, cento e cinqüenta e quatro quilômetros quadrados) (Statistik Austria, 2009). O Líbano e a Jamaica são só um pouco maiores do que a área metropolitana de São Paulo, para dar uma idéia aos que não conhecem a geografia da Áustria.

Em um lugar com tais dimensões, a vida cultural e econômica se desenvolve e atrai pessoas de todo o país, e até mesmo do mundo todo. Quando uma cidade cresce além de um certo tamanho e seus habitantes passam um certo número, a estreiteza e as limitações da mentalidade de cidade pequena começam a se dissolver, e aquela “quantidade de vida se transforma em qualidade e caráter”(cf. Simmel, 1903). A cidade forma um caráter próprio e se torna um lugar com características que são típicas dela e que não podem ser encontradas em nenhum outro lugar. Esse traço pode ser também o que se chama de diversidade.

São Paulo é um desses lugares. A cidade abriga tudo que alguém possa desejar: teatros, cinemas, casas de espetáculos, um evento de renome mundial – a Bienal, e muito mais. O cenário gastronômico oferece de tudo; você pode comer praticamente tudo o que a culinária mundial oferece, em São Paulo, sem ter que sair da cidade. Você pode comer fallafel de manhã, leberkåse com sauerkraut no almoço e sushi no jantar – se você gostar de peixe. No dia seguinte, você pode sair e tomar um café da manhã inglês com bacon, ovos mexidos, presunto, queijo e pão; depois, pode comer feijoada no almoço (sim, é possível comer comida brasileira em São Paulo) e um hambúrguer à noite. Alguns restaurantes só abrem para o almoço, outros só abrem para o jantar. Para um estrangeiro, a pergunta não se cala: eles não querem ganhar mais dinheiro? eles ficam fechados a maior parte do dia porque já têm dinheiro demais. Para este autor, essa pergunta continua sem resposta, talvez pelo choque cultural. Na cultura de onde eu venho, tudo é feito cedo. Na Áustria, não é possível imaginar um restaurante vazio às seis da tarde; mas em São Paulo, onde os bares e restaurantes só enchem bem mais tarde, essa é uma situação comum.

Quem come em São Paulo nunca se enjoa da comida, porque sempre há algo novo para descobrir. Isso, claro, se a pessoa que quer ter esse prazer tem dinheiro para pagar pela comida. Um dos problemas da distribuição de renda no Brasil é que, embora a comida existente seja suficiente para todos, muitos não têm dinheiro para comprar essa comida.

Uma cidade dos sonhos pode se tornar uma cidade de sonhos destruídos ou de pesadelos, que não deixa seus moradores irem embora; é o supremo sacrifício, a atração fatal. Como alguém pode querer ir embora de um lugar que é atraente e assustador ao mesmo tempo? É como se estivéssemos sonhando – vemos um balão passando, ouvimos música, tentamos seguir o balão que mostra um caminho... e de

repente o balão desaparece. Os sonhadores seguem aquele balão de sonho, e acabam chegando a uma cidade, que pode fazer os sonhos se realizarem, pois oferece possibilidades; mas têm que pagar um preço por isso, às vezes um preço bastante alto.

O medo é um dos preços que você paga. Em cada esquina, ladrões em potencial podem ser encontrados; durante a noite, carros atravessam sinais vermelhos para evitar parar e acabar sendo roubados. Nas áreas mais pobres, há guerras entre gangues; no centro, os lugares históricos são ocupados à noite por sem-tetos de todas as idades. A polícia age, na maioria das vezes, de acordo com sua vontade própria e não de acordo com as leis. O valor da vida humana é baixo; com tantas pessoas nesse lugar, que diferença faz uma a menos?

O alto custo de vida é outro preço que se paga por morar na cidade dos sonhos. Com tantos fatores de atração, o número de habitantes da cidade aumentou ao longo dos anos. Os fatores para o influxo de pessoas incluem: problemas econômicos em outras partes do país, problemas ambientais como a longa seca nas regiões do Brasil que já são normalmente áridas, razões familiares, a busca de liberdade pessoal e de estilo de vida individual, etc. A construção de complexos residenciais a preços acessíveis não acompanhou o constante fluxo de novos habitantes, e a constante falta de espaço residencial torna os preços dos apartamentos inacessíveis. Novos edifícios de luxo surgem em quase todas as esquinas dos bairros de classe média e alta da cidade; os intelectuais Paulistas se movem em direção ao oeste, deixando o leste da cidade para a classe trabalhadora e a classe média baixa. Esse desenvolvimento lembra a Londres do século 18, onde os ricos moravam no oeste da cidade (West End) e tinham sua fumaça carregada pelo vento em direção ao lado leste da cidade (East End), a área da classe operária, lar de Jack, o Estripador. Apesar dos baixos custos de moradia no centro de São Paulo, quase ninguém quer viver na área porque, como mencionei antes, o medo é também um preço que se paga, especialmente no centro, à noite. Com a desvalorização e o abandono das áreas centrais da cidade pela Prefeitura e pela própria população, surge uma raça estranha. Prostitutas, travestis, traficantes e seus clientes, mendigos e parasitas parecem viver em uma simbiose impenetrável. Recentemente, a Prefeitura parece tentar combater a Cracolândia, transformando-a em um novo Paraíso – a Nova Luz, mas esses esforços são apenas o começo de um caminho com um fim indefinível; e o preço em medo continua.

Então o que faz de São Paulo a cidade dos sonhos? Definitivamente não é o trânsito; os ônibus são pequenos, super-lotados, e ficam parados nas faixas exclusivas, que acabam sendo ocupadas por carros durante a hora do “rush”. Os sinais de trânsito parecem ter desaparecido na pressa de chegar a outros lugares; os carros são orientados a escolher ruas estreitas e a iluminação das ruas à noite é apenas uma tentativa desesperada de criar sombras nas paredes. As estações do metrô parecem ter sido erguidas arbitrariamente sem prever conexões de ônibus apropriadas às áreas que as cercam (com exceção dos terminais rodoviários do Tietê e da Barra Funda).

[Então o que faz de São Paulo a cidade dos sonhos?]

Definitivamente, não é a baixa taxa de criminalidade. É verdade que a taxa de homicídios caiu tremendamente, mas outros crimes como o uso de drogas, furto e roubo ainda continuam em alta.

Definitivamente, não é a incrível conservação de prédios históricos em áreas como Bela Vista ou Canindé. Parece que os donos desses prédios de 80 anos ou mais intencionalmente destroem esses imóveis para especular sobre o terreno, ao invés de reformar e manter os prédios históricos como um monumento ao passado, para as

gerações futuras. Claro, não estamos entrando na discussão sobre se a manutenção dessas casas é acessível em termos de custo.

Então o que é que realmente faz de São Paulo a cidade dos sonhos? Depois de cobrir as razões do porque não, somente uma resposta a essa pergunta é possível: é o espírito do povo, o espírito empreendedor dos Paulistas.

Qualquer um que experimente esse espírito vai achá-lo fascinante e vai ser contaminado por ele. Não há chance de escapar dele, o espírito empreendedor entra na corrente sanguínea e permanece lá. A busca pelo sucesso, riqueza econômica e aventura é contagiante. Foi o povo de São Paulo que ajudou o Brasil a expandir as suas fronteiras nos tempos das expedições bandeirantes. Foi a diligência dos paulistas que atraiu companhias estrangeiras a construir suas fábricas e matrizes sul-americanas na cidade de São Paulo, e não no Rio de Janeiro, então capital do país, depois da Segunda Guerra Mundial. A ânsia pelo sucesso do povo de São Paulo é o que faz da cidade um centro cultural e econômico e um lugar onde os sonhos se tornam realidade, uma cidade dos sonhos.

## **A Cidade Do Cheiro**

As cidades vivem e produzem, e passam por várias fases da vida, que vêm em ciclos. As cidades morrem e se transformam em pó e diesel; e depois começam a se reerguer, como uma fênix renasce das próprias cinzas (cf. Flusser II, 1994). São Paulo se ergue e perece, se ergue e perece e se ergue de novo. Muitos destes ciclos acontecem paralelamente ao mandato de cada prefeito da cidade.

Nós, humanos, não estamos acostumados a ver fenômenos culturais como cíclicos (cf. Flusser II, 1994); mas, quando investigamos o fenômeno da ascensão e queda, é óbvio que há uma ligação com a dimensão política.

De tempos em tempos, os habitantes da cidade são chamados ao dever de votar para eleger prefeito e para vereadores. Seria apenas a visão de um europeu, ou é comum no Brasil que descendentes de árabes e japoneses entrem para a carreira política? As fotos dos candidatos Maluf e Kassab, e as de vários vereadores, impressas em anúncios coloridos de todos os tamanhos durante a campanha eleitoral, parecem indicar que sim; mas o observador neutro pode ser enganado pelo fato de que a campanha é mais intensa nas áreas centrais e mais ricas de São Paulo. Nas áreas mais pobres, as campanhas não parecem ser tão intensas, mesmo com um grande potencial de eleitores morando lá. Por que as campanhas são menos intensificadas nessas áreas do que nas áreas mais ricas? Talvez seja a apatia, que é exercida tão cuidadosamente por muitos eleitores. No espírito de agonia e desespero perante a corrupção sempre-presente na política e na economia, a massa de eleitores só vota porque são obrigados a votar em alguém. A Política deveria ser um procedimento no qual grupos tomam decisões. Em São Paulo, parece ser mais um campo para se seguir interesses pessoais, “alguém entra para a política para enriquecer”(cf. Flusser III, 1994). Aqui, o Efeito Mateus (cf. Merton, 1968) parecer ser onipresente também. Como escrito no Evangelho de São Mateus, “Porque a todo que tem será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á

tirado.” (BibliaOnLine, 2009), não é de se surpreender que as pessoas de alto poder aquisitivo e de alto nível de educação entrem para a carreira política em São Paulo.

Nas campanhas eleitorais, cada candidato promete fazer algo sobre a poluição da cidade. São Paulo fede. Ela tem um cheiro único, uma mistura de combustão de diesel, fumaça industrial, escapadores, cheiro de restaurantes, excrementos humanos. Aproximadamente cinco milhões de carros existem na cidade, produzindo engarrafamentos que podem alcançar um comprimento de 293 (duzentos e noventa e três) quilômetros em vésperas de feriados. Como comparação, a distância entre Salzburg e Vienna é de 295 (duzentos e noventa e cinco) quilômetros; para ir de uma cidade a outra, atravessamos 4 (quatro) dos 9 (nove) estados da Áustria. Parece um milagre que as árvores e folhas verdes ainda possam ser vistas pela cidade.

O europeu sofisticado, que vem para São Paulo vindo do Rio de Janeiro, de avião, pergunta “O que é aquilo?” quando o avião atravessa a névoa cinzenta que cobre a cidade e ele vê o mar de casas espalhadas sob as nuvens pela primeira vez (cf. Flusser II, 1994). É um tipo de reação natural ao fenômeno inusitado chamado São Paulo, um mar de concreto, aço, vidro, asfalto e outros materiais de construção civil. Milhares de carros mantêm a cidade viva, dia e noite. Onde quer que se vá, não importa se durante o dia ou à noite, o trânsito já estará lá.

Então o que chegou antes? A cidade ou o trânsito? Sem o trânsito nenhum assentamento teria sido fundado e humanos poderia ainda migrar sem rumo pelos continentes, causando mais trânsito novamente. Então essa pergunta pode ser respondida facilmente: o trânsito veio antes, somente então os assentamentos e cidades o seguiram.

6

### **Cidade do Quê?**

Morar em uma cidade significa ser acordado à 5 da manhã pelo caminhão de lixo, e ter que decorar os horários dos ônibus e metrô para chegar em qualquer lugar na hora certa. Pagamos um preço alto por todas as amenidades que a cidade pode oferecer.

Ter consciência de uma cidade significa que alguém tem que fechar ou abrir os olhos no momento certo. Não é sempre fácil seguir as leis implícitas que a cidade possui, especialmente para os recém-chegados.

Cada cidade tem um ritmo específico de vida e São Paulo também tem o seu. A diversidade cultural da cidade é frequentemente vista como sua maior vantagem. Minorias étnicas – e todo mundo parece fazer parte de uma – podem viver em seu próprio modo característico. (cf. Medosch I, 1997, Medosch II, 1999). Este pode ser visto como um processo darwinístico e também, de um ponto de vista menos pessimista, como um laboratório em processo de criação de um novo tipo de ser humano (cf. Flusser IV, 1994). Isto não deve ser visto como um processo eugênico. Ao contrario, podemos pensar que, sem as regras e códigos regidos do velho continente, seria possível gerar uma sociedade mais livre e com menos códigos de conduta, no novo mundo (cf. Flusser V, 2007). Este tipo de laboratório social pode gerar processos auto-catalíticos (cf. Medosch II, 1999), que não seriam possíveis na Europa.

Os termos “nacionalidade” e “cidadania”, no Brasil, tem diferentes conotações do que na Europa. A percepção de “nacionalidade” no continente europeu sempre é

combinada com o termo “etnia”. Então alguém pode trocar sua de cidadania para aquela do país que escolheu, se cumprir os requisitos legais específicos para residência permanente no país em questão. Mas aquela pessoa vai ser sempre associada com uma outra nacionalidade, em alguns países até por gerações depois da imigração. Já no Brasil, os termos “nacionalidade” e “cidadania” parecem ter a mesma conotação e somente a origem regional determina a diferenciação. Japonês, árabe, chinês, judeu, italiano, português e muitos outros imigrantes em São Paulo mostram uma imagem clara disso.

A cidade de São Paulo não segue nenhuma lei estrutural. Não existe um plano de desenvolvimento para a cidade; a única lei que a cidade segue é a lei da mudança constante ou a segunda lei da Termodinâmica: a lei da entropia, que é a medida da desordem em um sistema. Edifícios são construídos para serem derrubados alguns anos depois. Os Paulistas não parecem considerar que a conservação e manutenção apropriada de edifícios é algo necessário; parecem achar que é mais fácil derrubá-los e construir novos no mesmo lugar. Um terreno para construção não desaparece e provavelmente aumenta de valor depois que um edifício é derrubado para construir um novo. Prédios são construídos em terrenos abandonados ou que eram ocupados por estacionamentos. Como São Paulo – assim como todas as outras grandes cidades – tem muito lugar para estacionar, essa é realmente uma ótima idéia para melhorar a situação de estacionamento na cidade. Se há um planejamento urbano para São Paulo, então ele está bem escondido. A cidade parece ser mais um “organismo biotecnológico e auto-organizante do que uma estrutura planejada por humanos” (cf. Medosch II, 1999).

São Paulo é a cidade do quê, porque não se pode encaixá-la em nenhuma categoria urbana. É a cidade do sem-retorno? A cidade perdida? A cidade dos sonhos? A cidade do cheiro? O que é? É impossível descrever um fenômeno como São Paulo. Uma cidade como ela tem que ser vivenciada, experimentada. É preciso experimentar o pulso da vida que passa por essa cidade e as vibrações que ela emite. São Paulo é uma entidade inexplicável.

7

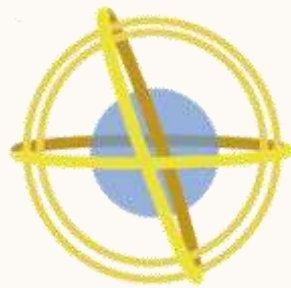
## Bibliografia

- |              |   |
|--------------|---|
| Bibleserver  | Gospel of St. Matthew, Chapter 25, Verse 29, King James Version<br>URL: <a href="http://www.bibleserver.com/index.php">http://www.bibleserver.com/index.php</a> (dl: 29.07.2009)  |
| BibliaOnline | Livro de Mateus, Capítulo 25, Versículo 29<br>URL: <a href="http://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/1">http://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/1</a> (dl: 03.08.2009)   |
| ChinaCCM     | City, 2009<br>URL: <a href="http://knology.chinaccm.com/phrase-2006030914205500310.html">http://knology.chinaccm.com/phrase-2006030914205500310.html</a> (dl: 03.08.2009)   |
| EMPLASA      | Regiao Metropolitana de Sao Paulo, Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano SA, 2009<br>URL: <a href="http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/infometropolitana/rmsp/rmsp_dados.asp">http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/infometropolitana/rmsp/rmsp_dados.asp</a> (dl: 12.07.2009) |

- Flusser, Vilem I      Brasilianische Städte, in: Flusser, Vilem: Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen, Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung, Bollmann Verlag, Mannheim, 1994
- Flusser, Vilem II      Die Stadt der Erstinkenden, in: Flusser, Vilem: Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen, Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung, Bollmann Verlag, Mannheim, 1994
- Flusser, Vilem III      Alte und neue Codes: Sao Paulo, in: Flusser Vilem: Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen, Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung, Bollmann Verlag, Mannheim, 1994
- Flusser, Vilem IV      Suche nach der neuen Kultur, in: Flusser, Vilem: Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen, Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung, Bollmann Verlag, Mannheim, 1994
- Flusser, Vilem V      Wohnung beziehen in der Heimatlosigkeit, in: Flusser Vilem: Von der Freiheit des Migranten, Einsprüche gegen den Nationalismus, Europäische Verlagsanstalt, Berlin, 2007
- Hudong      城市  
URL: <http://www.hudong.com/wiki/%E5%9F%8E%E5%B8%82> (dl. 03.08.2009)
- Medosch, Armin I      Cyber Paulista, Sao Paulo – Stadt ohne Wiederkehr, in: Telepolis, 1997  
URL: <http://www.heise.de/tp/r4/artikel/6/6089/1.html> (dl: 12.07.2009)
- Medosch, Armin II      Sao Paulo, in: Bollmann, Stefan (ed.): Kursbuch Stadt, Stadtleben und Stadtkultur an der Jahrtausendwende, DVA, Stuttgart, 1999
- Merton, Robert K.      The Matthew Effect in Science, in: Science, Vol. 159, 1968, p. 56-63
- PRC      City Planning Law of the People's Republic of China, adopted on December 26th, 1989  
URL (English): [http://china.org.cn/environment/2007-08/20/content\\_1034354.htm](http://china.org.cn/environment/2007-08/20/content_1034354.htm) (dl: 03.08.2009)  
URL (Chinese) : <http://www.china.com.cn/chinese/zhuanti/worldheritage/370682.htm> (dl: 03.08.2009)
- Sassen, Saskia      Metropolen des Weltmarkts, Die neue Rolle der global cities, Campus Verlag, Frankfurt am Main, 1997
- Simmel, Georg      Die Grosstädte und das Geistesleben, in: Thomas Petermann (ed.): Die Grossstadt. Vorträge und Aufsätze zur Städteausstellung, Jahrbuch der Gehe Stiftung, Band 9, Dresden, 1903, p. 185-206  
URL: <http://socio.ch/sim/sta03.htm> (dl: 03.08.2009)



- Statistik Austria Österreich innerhalb der EU, Statistik Austria, 2009  
URL:  
[http://www.statistik.at/web\\_de/services/wirtschaftsatlas\\_oesterreich/oesterreich\\_innenhalb\\_der\\_eu/index.html](http://www.statistik.at/web_de/services/wirtschaftsatlas_oesterreich/oesterreich_innenhalb_der_eu/index.html)
- Weber, Max Die Stadt, Max Weber Gesamtausgabe, Band I, Mohr Siebeck Verlag, Tübingen 1999



REVISTA PRIMUS VITAM